

BELLO REVISITADO: PARÂMETROS NAS TEORIAS VERBAIS DOS SÉCULOS XIX E XX

Luizete Guimarães Barros¹

Resumo: Nossa proposta consiste em traçar um paralelo entre a expressão de espaço e a expressão de tempo em línguas como o castelhano. Certeau (1999), Linde e Labov (1975) apresentam pesquisas sobre a descrição espacial. Os conceitos sobre espaço de Guy Deutscher (2011) de “coordenadas geográficas” – que tomam como orientação o espaço de acordo com a divisão dada pelo mapa, isto é, pelos pontos cardeais – ou “coordenadas egocêntricas” – que tomam o corpo do enunciador como parâmetro de orientação são tomadas como paralelo para compreender as teorias sobre o tempo. Para tanto, revisitamos a teoria de Andrés Bello (1847), do século XIX, e a de Rojo e Veiga (1999), do século XX. Rojo e Veiga (1999) nos oferecem exemplos que confirmam a permeabilidade dos conceitos de espaço e de tempo e que nos mostram a precariedade dos estudos temporais que não levam em conta a recepção, nem os diferentes interlocutores numa situação comunicativa.

Palavras-chave: Teoria verbal de Andrés Bello; Teoria espacial; Teoria temporal.

Resumen: Nuestra propuesta consiste en trazar un paralelo entre la expresión de espacio y la expresión de tiempo en lenguas como el castellano. Certeau (1999), Linde e Labov (1975) presentan investigaciones sobre la descripción espacial. Los conceptos sobre espacio de Guy Deutscher (2011) de “coordenadas geográficas” – que toman como orientación el espacio de acuerdo con la división dada por el mapa, es decir, por los puntos cardinales – o “coordenadas egocéntricas” – que toman el cuerpo del enunciador como parámetro de orientación son tomadas como paralelo para comprender las teorías sobre el tiempo. Para tanto, revisitamos la teoría de Andrés Bello (1847), del siglo XIX, y la de Rojo y Veiga (1999), del siglo XX. Rojo y Veiga (1999) nos ofrecen ejemplos que confirman la permeabilidad de los conceptos de espacio y de tiempo y que nos muestran la precariedad de los estudios temporales que no toman en cuenta la recepción, ni los distintos interlocutores en una situación comunicativa.

Palabras clave: Teoría verbal de Andrés Bello; Teoría espacial; Teoría temporal.

¹ Doutora em Letras Neolatinas pela UFRJ - 1998. Pós-Doutora na University of Texas at Austin em 2003. Professora de espanhol da Universidade Estadual de Maringá – UEM – lgbarros@uem.br

Introdução

“O que significa para você a palavra ‘futuro?’”: é a pergunta que um entrevistador faz a uma criança, em um programa de televisão brasileira, à que o pequeno respondeu em bom português: “Futuro é o que está na frente, né?”

Apesar de compreensível, a resposta parece confundir os parâmetros de tempo e espaço, já que, interrogado sobre um conceito temporal – o significado da palavra “futuro” – uma explicação espacial – “na frente” – é a resposta infantil.

Este artigo versa sobre a relação tempo e espaço, já que utiliza os conceitos de coordenadas espaciais, traçadas por Guy Deutcher (2011), para estudar a evolução das teorias verbais sobre o tempo em espanhol.

Placas de trânsito

Só um linguista talvez não aceite como possível essa resposta infantil. Dizendo de outra maneira, só pessoas atentas aos fenômenos da linguagem observam que dois parâmetros se entrecruzam nas palavras da criança, referidas anteriormente.

Nosso estudo se questiona sobre a intersecção de conceitos, e indaga se é lícito explicar fenômenos temporais por meio de padrões espaciais. A primeira motivação, portanto, deste trabalho é averiguar casos semelhantes a este comportamento infantil em que, quando perguntada sobre uma expressão da esfera temporal, a criança apresenta uma resposta em que emprega um vocabulário espacial.

Outra referência está retirada de Rojo e Veiga (1999, p. 2890). Esses autores dão o exemplo de uma placa especial de identificação de limite entre municípios na qual são utilizadas expressões temporais, como a placa encontrada numa estrada intermunicipal europeia, que diz em inglês: “You are now leaving West Berlin” (Você está deixando agora Berlim Oriental).

Now (agora) determina o lugar em que se iniciam as terras de outra cidade, no caso de limite territorial. Outra vez os conceitos se confundem, e desta vez o vocabulário temporal é empregado em uma sinalização de trânsito com o objetivo de determinar o espaço. Nestes dois casos, trata-se de palavras que se usam em um contexto determinado e se empregam para expressar outro domínio semântico.

Não sei se você, caro leitor, já se deparou com placas de trânsito no Brasil em que se lê: “Indo e vindo, abaixe os faróis”, que corresponde ao aviso do tipo: “Luz baixa ao cruzar veículos” – placa que você certamente conhecerá. Por que razão estamos citando tais sinais de tráfego? Ou mesmo, por que razão Rojo e Veiga – autores de um estudo linguístico sobre o tempo – mencionam a placa de Berlim?

Segundo esses autores, a mensagem de limite de municípios se atualiza no “agora” de cada condutor quando passa, de carro, pelo lugar onde a placa está localizada, porque:

En el ejemplo de este tipo el “presente” no es sino el de cada uno de los múltiples receptores, por lo que es un presente que se reactualiza constantemente en cada acto de lectura, y que no tiene nada que ver con los momentos en que algún técnico de tráfico diseñó el mensaje, alguna autoridad ordenó la instalación del letrero y algún trabajador la efectuó. (ROJO; VEIGA 1999, p. 2890).

O presente da enunciação de um emissor não coincide com o(s) presente(s) dos inumeráveis transeuntes que atravessam as cidades. O lugar da mensagem estabelece o ponto presente – desta forma, pode-se dizer que os conceitos espaciais e temporais se cruzam. O lugar é único, o tempo depende do momento em que o receptor da mensagem passa por este local.

E como se define o espaço?

Espaço: sobre o sistema linguístico de descrição espacial

Certeau (1999), em um capítulo cujo título é “Relatos de espaço”, define as categorias necessárias para a classificação de relatores de viagem: o espaço e o lugar. Para esse autor francês, lugar é uma ordem, em que se vê excluída a possibilidade de que duas coisas ocupem o mesmo lugar: “Aí impera a lei do ‘próprio’ e distinto que o define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posição. Implica uma indicação de estabilidade” (CERTEAU, 1999, p. 201).

O espaço, por outro lado, é um “lugar praticado”, é o resultado do cruzamento de vetores móveis.

Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidade de velocidade e a variável tempo. [...] Espaço é o efeito produzido pelas orientações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar como unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. (CERTEAU 1999, p. 202).

A rua definida geometricamente por um urbanista é um lugar, que se transforma em espaço pelos pedestres que por ela passam. Dito de outra forma, a rua traçada no mapa é um lugar, e essa mesma rua, quando percorrida pelos transeuntes, se classifica como espaço, de acordo com a determinação de Certeau (1999). E por que nos importa compreender tais definições?

Porque estes conceitos são úteis para compreender o que se explica de uma pesquisa realizada por Charlotte Linde e William Labov (1975) e comentada por Michel Certeau (1999, p. 204) como uma investigação sobre as regras de interação e convenção social que regem a linguagem natural. O autor francês menciona que os dois linguistas analisaram relatos orais em que o informante descreve a casa em que vive em Nova York – geralmente, apartamento. Após análise do material, os pesquisadores

organizaram seus dados de acordo com dois tipos distintos: um como o mapa (*map*), e outro como o trajeto (*tour*). O primeiro – o mapa – se orienta de acordo com a visão, e segue o modelo: “Ao lado da cozinha está o quarto das meninas”. O segundo está organizado de acordo com o movimento, e tem como modelo: “Você vira à direita e entra num salão”. O resultado surpreendente do *corpus* nova-iorquino é que somente três por cento dos descritores pertencem ao tipo “mapa”. Os demais, isto é, quase a totalidade dos relatos, pertencem à categoria “trajeto”: “Você entra por uma portinha”, etc. (CERTEAU, 1999, p. 204)

A descrição é feita, em 97 % dos casos, em termos de operações – “você entra”, “você atravessa a sala”, “você volta para”, “você encontra com”. Um trajeto é um ato de enunciação que oferece uma série de caminhos, são ações espacializantes, que organizam os movimentos: a placa de trânsito de Berlim Oriental, citada anteriormente, é um exemplo de “trajeto”. Em oposição a ela, a descrição feita sob a forma de “mapa” apresenta o que existe como quem vê, observa.

O tecido narrativo onde predominam os descritores de itinerário é portanto pontuado de descritores tipo mapa, que tem como função indicar ou um efeito obtido pelo percurso (“você vê...”) ou um dado que postula como seu limite (“há um parede”), sua possibilidade (“há uma porta”), ou uma obrigação (“há um sentido único”). A cadeia de operações espacializantes parece toda pontilhada de referências ao que se produz (uma representação de lugares) ou ao que implica (uma ordem local). Tem-se assim a estrutura do relato de viagem. (CERTEAU, 1999, p. 205)

Michel Certeau (1999) explica um gênero textual – literatura de viagem – e reconhece nele a descrição de lugares como característica mais comum por meio da narrativa de operações, em vez da apresentação existencial e estática do mapa. O que se deduz é que a descrição “na minha casa há 3 quartos” – tipo mapa – é preterida por uma descrição do tipo itinerário – “quando você entra na minha casa dá de cara com um corredor comprido”.

E como já tratamos os dois tipos de discursos relativos ao espaço, passamos a examinar o sistema espacial das línguas do mundo.

Sobre o sistema linguístico de expressão espacial

Deutscher (2011) escreve um interessante artigo com o título “Na ponta da língua: o idioma dá forma ao pensamento?” A aparente trivialidade do título se deve ao veículo, porque este estudo está publicado no jornal *Folha de São Paulo*, de 9 de janeiro de 2011, na seção “Ilustrada”, que em tom informativo trata o sistema de expressão do espaço nas línguas do mundo.

Este artigo faz uma revelação importante porque mostra que a maioria dos idiomas do mundo dispõe de um sistema de orientação espacial centrado no “eu”, isto

é: “Suponha que você quer explicar a alguém como chegar a sua casa. Poderia dizer “depois do sinal, vire à esquerda, depois da segunda à direita; você vai dar numa casa branca, nossa porta é a da direita.” (DEUTSCHER 2011, p. 3)

Grande parte dos idiomas do mundo expressa as localizações espaciais dessa maneira, isto é, de acordo com “*tour*”, definido na pesquisa de Linde e Labov. Palavras como “esquerda □ direita”, “frente □ trás” tomam o falante como ponto de referência em línguas em que se diz: “Matei uma barata que estava na ponta do meu sapato”. Há outros idiomas, no entanto, que expressam a mesma ideia da seguinte maneira: “Matei uma barata que estava ao norte do meu sapato”. E quem falaria desta forma?

A descoberta mais interessante deste texto jornalístico é divulgar que algumas línguas do mundo têm orientações diferentes das nossas: é o caso do guugu yimithrtr, idioma aborígene australiano, cujos falantes habitam o norte de Queensland. “O antropólogo John Haviland e, mais tarde, o linguista Stephen Levinson” – pesquisadores deste tema, referidos no artigo de Deutscher (2011, p. 4) – “demonstram que o idioma guugu yimithrtr não emprega palavras como ‘esquerda’, ‘frente’ ou ‘trás’ para descrever a posição de objetos.” E mais adiante, neste mesmo texto, Deutscher (2011, p. 5) afirma que há outro idioma, chamado tetzal, no sul do México, em que se emprega um sistema espacial semelhante, no qual os pontos cardeais servem como base de referência.

“Direita – esquerda, frente – trás” são substituídos por “leste – oeste, norte – sul” em sistemas linguísticos de orientação diferente. Por essa razão, Deutscher distingue dois sistemas de expressão espacial: aqueles que se orientam de acordo com as “coordenadas geográficas”, como o guugu yimithrtr e o tetzal; e o sistema mais comum nos idiomas do mundo, que se orienta de acordo com as “coordenadas egocêntricas”, como o espanhol e o português, por exemplo.

Deutscher (2011) explica a expressão espacial das línguas naturais da seguinte forma, em trecho em que grifamos o que queremos enfatizar:

São dois conjuntos de instruções que descrevem a mesma rota, mas dependem de diferentes **sistemas de coordenadas**. **O primeiro emprega coordenadas “egocêntricas”**, que dependem de nosso corpo: o eixo direita □ esquerda e o eixo frente □ trás, disposto de maneira ortogonal em relação ao outro. **O segundo sistema emprega coordenadas geográficas** fixas, que não nos acompanham quando nos viramos. (DEUTSCHER, 2011, p. 4)

De acordo com essa definição, conclui-se que o sistema de “coordenadas egocêntricas” é móvel, porque depende do nosso corpo, e o sistema geográfico é fixo, pré-determinado. Nossa proposta consiste em traçar um paralelo entre a expressão de espaço e a expressão de tempo em línguas como o castelhano. Para tanto, começo por resumir as concepções linguísticas sobre o tempo em teóricos dos séculos XIX e XX.

Teorias linguísticas sobre o tempo

Nossa ideia não é discutir como as línguas expressam o tempo – já que anteriormente tratamos como expressam o espaço □, mas nosso objetivo consiste em discutir como um idioma, como o espanhol, explica seu sistema temporal no intuito de medir tendências e traçar um paralelo entre as teorias em estudo e as coordenadas geográficas e egocêntricas. Para tanto, escolhemos uma teoria do século XIX, de Andrés Bello e outra do século XX, de Rojo e Veiga.

Andrés Bello: teoria temporal do século XIX

Um estudo sobre o tempo orientado de acordo com as “coordenadas geográficas”, universais e exteriores ao falante, tem como base o movimento dos astros, orienta-se de acordo com os horários, as datas, os calendários, as horas do relógio, etc.

Essa tendência de compreender o tempo como um “mapa”, isto é, de acordo com parâmetros alheios a quem produz o enunciado, orienta, em certa medida, a teoria verbal de Andrés Bello (Caracas, 1781 – Santiago de Chile, 1865) que escreve uma “*obrita*” que serve de fundamento aos estudos posteriores. sobre o tempo em castelhano, “Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana” □ abreviada como AIT □ é um artigo de umas quarenta páginas, escrito em Londres, em 1810, e publicado em 1841, que esboça uma teoria de base lógica, inspirada nos enciclopedistas de Port-Royal. Outra versão desta obra aparece, com modificações, editada na *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos* – abreviada como GCA – , publicada em Santiago do Chile em 1847, data importante para a história dos estudos gramaticais da América Espanhola e da Espanha.

O tratamento semântico dessa teoria considera as formas verbais por meio do parâmetro temporal, e, inspirada na química, expõe, através de fórmula fixas, os valores temporais das formas verbais a partir dos empregos no indicativo. São valores únicos, com pretensão universal, pensado de acordo com o raciocínio de que uma forma como “*cantaba*”, cuja fórmula é CA, que significa co-pretérito, expressa um atributo concomitante a uma ação pretérita.

“Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana” traz no “*ideológica*” do título a filiação teórica de Bello, porque a “ideologia” é um ramo da filosofia que se dedica aos fatos linguísticos. Formada pelos iluministas tardios, perseguidos por Napoleão Bonaparte, nomes como Condillac, Thurot, Destut de Tracy, Beauzée são alguns dos gramáticos franceses que inspiram a composição desta obra, tanto que as palavras iniciais de *AIT* reconhecem o mérito do estudo sobre o verbo de gramáticos franceses. Nelas, Bello diz considerar presunção ou temeridade de sua parte tecer alguma teoria verbal depois da tão boa obra criada por Condillac. E pondera também que, passados trinta anos desde a sua composição, decide publicá-la porque acredita em seu acerto uma vez que nela se presta atenção ao “entendimiento”, ou aos “procederes

mentales”, ou então aos “actos mentales”.

Essas palavras iniciais são confirmadas pela conclusão exposta no prólogo de AIT, em que o autor reconhece que suas fórmulas são retiradas da conjugação castelhana, e que ele as julga aplicáveis a outras línguas, conforme se lê em: “Esta análisis de los tiempos se contrae particularmente a la conjugación castellana; pero estoy persuadido de que el proceder y los principios que en ella aparezcan son aplicables con ciertas modificaciones a las demás lenguas” (BELLO 1979, p. 417).

A capacidade de aplicação universal se deve ao fato de que a língua expressa “los actos mentales”, tanto que no prólogo do artigo de 1810, Bello pede a seus leitores paciência e cuidado para compreender a leitura, ao dizer:

Lo que ruego otra vez a los que la lean es que no se anticipen a reprobirla antes de haberla entendido. Objeciones se les ocurrirán, a las primeras páginas, que verán después, satisfactoriamente resueltas. A lo menos, yo así lo espero. Extrañarán la nomenclatura, pero si encuentran que ella tiene el mérito de ofrecer en cada nombre una definición completa, y algo más que una definición, una fórmula, en que no sólo la combinación, sino el orden de los elementos, pintan con fidelidad los actos mentales de que cada tiempo del verbo es un signo, me lisonjeo de que la juzgarán preferible a las adoptadas en nuestras gramáticas. (BELLO, 1979, p. 417).

Nesse trecho, Bello confessa seu desejo de que a nomenclatura gramatical, que chama “cantaba” de pretérito imperfeito do indicativo, seja substituída por CA □ co-pretérito. Seu anseio de que sua teoria fosse difundida amplamente parece que se concretiza porque, no século XX, chegamos a conversar com alguns hispano-americanos □ de países como Venezuela e Chile □ que disseram conhecer, por meio da escola, a terminologia temporal aqui descrita. Não sabemos dizer ao certo se eles apreenderam tais conceitos graças à leitura das obras gramaticais mencionadas, ou graças à leitura de outros livros didáticos. Podemos afirmar, no entanto, que este estudo temporal tem sido tomado como referência para trabalhos gramaticais posteriores.

Por meio de AIT, comprovamos certos pontos de contato entre esta teoria e as coordenadas geográficas, ainda que reconheçamos que as coordenadas egocêntricas estão presentes de forma mais significativa no corpo destas duas obras. Vale dizer que tanto em AIT, quanto em GCA, o corpo do enunciador serve de parâmetro para a determinação das formas temporais. A partir do “eu” que fala é que as formas temporais são definidas, como anteriores, concomitantes ou posteriores ao ato verbal, de maneira a estabelecer as formas nomeadas como pretérito, presente e futuro. Dito pelas palavras de Bello, nos parágrafos 622-624 e 627, das páginas 432 e 433, do primeiro volume de GCA da Arco//Libros, onde se lê:

Canto: presente. Significa la coexistencia del atributo con el **momento en que proferimos el verbo.**

Canté: pretérito. Significa la anterioridad del atributo al **acto de la palabra.**

Cantaré: futuro. Significa la posterioridad del atributo al **acto de la palabra.**

(BELLO, 1988, §622, 624, 627, p. 433.)

Veja que o presente se define pela coexistência da ação ao “momento em que proferimos o verbo”. Nessa passagem, o emprego na primeira pessoa do plural de “proferir” abarca a ação do falante, isto é, “quem fala”. Nas definições das outras formas verbais, o “acto de la palabra” serve de ponto de orientação, e esta orientação é comum tanto à AIT como à GCA.

Apesar da inspiração filosófica de pretensões universalistas, as obras gramaticais do autor caraquenho se orientam também pelas “coordenadas egocêntricas”, que toma o corpo do enunciador como parâmetro. Calero Vaquero (1986, p. 125) afirma que o primeiro ponto de referência dessa teoria é o “acto de la palabra”. Este primeiro ponto determina os três tempos absolutos, nomeados como: A – pretérito (*amé*), C – Presente (*amo*) e P – futuro (*amaré*), estabelecidos de acordo com sua anterioridade, concomitância e posterioridade ao ato da palavra.

Vale a pena abrir um parêntese para examinar o significado desses vocábulos. Segundo o *Diccionario da Real Academia Espanhola* (DRAE, 1975, p. 93), o significado da palavra “anterioridade” é exclusivamente temporal, pois diz: “anterioridad: precedencia temporal de una cosa con respecto a otra”. No entanto, o adjetivo referente a este substantivo tem significado temporal e espacial, já que o dicionário define “anterior” como: “que precede en lugar o tiempo”.

A abrangência semântica de “anterior” é registrada também para o adjetivo “posterior”, que significa “que fue o viene después, o está o queda detrás.”, numa acepção que comporta a característica temporal, devido ao advérbio “después”, e espacial, devido à localização “detrás”. O mesmo dicionário (DRAE, 1975, p. 1053) define de maneira abreviada o substantivo “posterioridad: calidad de posterior.” Observe, portanto, a amplitude dos termos empregados por Bello, pois “anterioridad” e “posterioridad” são polissêmicos, já que se empregam em referência a tempo e a espaço.

O mesmo, talvez, se possa afirmar sobre o substantivo “concomitancia”, definido pelo DRAE (1975, p. 337) como “acción o efecto de concommitar”, que significa “acompañar una cosa a otra o obrar juntamente con ella”. O verbo concommitar se explica por “acompañar”, que está definido como “existir una cosa junta a otra o simultaneamente con ella”, segundo o DRAE (1975, p. 18). Novamente, a definição do dicionário reconhece um conteúdo espacial (“junta con”) e um conteúdo temporal (simultaneamente) para o vocábulo em questão.

Fechamos o parêntese sobre vocabulário para voltar a explicar o sistema verbal castelhano, estudado pelo autor venezuelano, que comporta as três formas absolutas: A – pretérito, C – presente e P – futuro, e classifica as cinco formas relativas a elas, a saber: CA – co-pretérito (*amaba*), PA – pós-pretérito (*amaría*), AP - ante-futuro (*habré amado*), AC – ante-presente (*he amado*), AA – ante-pretérito (*hube amado*).

As duas formas relativas AA e CA servem de referência para outras duas: ACA – ante-co-pretérito (*había amado*) e APA – ante-pós-pretérito (*habría amado*). Dessa forma, dez formas verbais formam os tempos do indicativo, que comportam três tempos absolutos, cinco relativos, e mais dois relativos a estes últimos. Resumimos no quadro a seguir estas formas simples e compostas que formam o sistema temporal do espanhol, retirada de Barros (1998, p. 104):

FORMA SIMPLES	FORMA COMPOSTA
C – Presente – amo	AC – Ante-presente – he amado
P – Futuro – amaré	AP – Ante-futuro - habré amado
A – Pretérito – amé	AA – Ante-pretérito – hube amado
CA – Co-pretérito – amaba	ACA – Ante-co-pretérito - había amado
PA – Pos-pretérito – amaría	APA – Ante-pos-pretérito – habría amado

Fonte: Barros (1998)

Este sistema reconhece, segundo Calero Vaquero (1986, p. 125), três pontos de referências. Citamos o primeiro deles que corresponde ao: “Primer punto de referencia: el instante de hablar, llamado Presente (amo) - C; anterior a este es el Pretérito (amé) – A; y posterior el Futuro (amaré) – P”.

O segundo ponto de referência comporta a associação destes três elementos entre si, possibilitando a definição de nove formas temporais. Segundo Calero Vaquera (1986, p. 125), no entanto, são cinco as formas verbais do castelhano que se relacionam a eles, a saber:

Segundo punto de referencia: cada uno de estos tres puntos, con respecto a los cuales la acción puede ser de anterioridad, coexistencia y posterioridad:

Anterioridad con respecto al Pretérito:

(Ante-pretérito) AA – hube amado

Coexistencia con respecto al Pretérito:

(Co-pretérito) CA – amaba

Posterioridad con respecto al Pretérito:

(Pos-pretérito) PA – amaría

Anterioridad con respecto al Presente:

(Ante-presente) AC – he amado

Coexistencia con respecto al Presente:

(_____)

Posterioridad con respecto al Presente:
 (_____) _____
 Anterioridad con respecto al Futuro:
 (Ante-futuro) AP – habré amado
 Coexistencia con respecto al Futuro:
 (_____) _____
 Posterioridad con respecto al Futuro:
 (_____) _____
 (CALERO VAQUERA 1986, p. 125).

Convém explicar que o sistema temporal castelhano do indicativo apresenta todas as três formas relativas ao passado, isto é, a anterioridade com respeito ao pretérito, a coexistência com respeito ao pretérito e a posterioridade com respeito ao pretérito. Há, no entanto, lacunas em relação aos dois outros elementos, já que não há formas verbais para: a coexistência com respeito ao presente, a posterioridade com respeito ao presente, a coexistência com respeito ao futuro e a posterioridade com respeito ao futuro.

São três formas verbais definidas pelo primeiro ponto de referência, mais cinco pelo segundo ponto de referência, que somam oito formas verbais. As duas faltantes se explicam, segundo a autoria, pelo terceiro ponto de referência, a saber:

Tercer punto de referencia: un tiempo ya relativo (amaba, amaría)
 respecto al cual un nuevo tiempo significa anterioridad:
 Anterioridad con respecto al Co-pretérito:
 (Ante-co-pretérito) ACA – había amado
 Anterioridad con respecto al Pos-pretérito:
 (Ante-pos-pretérito) APA – habría amado
 (CALERO VAQUERO 1986, p. 125).

Calero Vaquera (1986) vê a *Gramática* de Bello como um marco na evolução dos estudos gramaticais espanhóis em relação à tradição filosófica, tanto que afirma:

Bello continúa y supera a los gramáticos filosóficos franceses en la cuestión de los tiempos absolutos y relativos. La doctrina del venezolano puede resumirse en los siguientes términos: los tiempos verbales fechan la acción del verbo en la **línea del tiempo**, en relación con tres puntos distintos de referencia (no solo con dos como procedía Port-Royal y sus continuadores), conjugados entre sí. (CALERO VAQUERO, 1986, p. 125).

Chamo a atenção dos leitores para a afirmação de que os tempos verbais datam a ação do verbo, colocando-os em sequência na “**línea del tiempo**”, grafado em negrito na citação no intuito de alertá-los para o fato de que uma expressão de espaço – “linha” – é usada para representar a passagem do tempo, sinalizando, uma vez mais, a intersecção de critérios. As duas obras de Bello □ GCA e AIT – não lançam mão do

esquema linear para mostrar como as formas verbais se dispõem em sequência. Mas a tese de Barros (1998, p. 140) apresenta as dez formas verbais de acordo com a sucessão na linha do tempo, conforme se expõe na Figura 1.

Figura 1 – Formas verbais

PRETÉRITO		PRESENTE				FUTURO			
A	C	C		C		P			
canté		canta		cantaré					
A	C	P	A	C	P	A	C	P	
AA	CA	PA	AC			AP			
hubo amado	cantaba	cantaría	he cantado			habré cantado			
ACA									
había cantado									
APA									
habría cantado									

O sistema de dez formas verbais é aplicado não só aos empregos em indicativo, mas aos demais modos verbais, a saber: subjuntivo comum, subjuntivo hipotético e optativo. Além destes quatro modos verbais, Bello aplica as mesmas fórmulas para classificar também casos estilísticos que fogem aos esquemas propostos, chamados por ele de valores metafóricos.

Rojo e Veiga (1999, p. 2880) acusam Bello de ser “*temporalista*”. Com este termo, esses autores do século XX parecem querer dizer que sua teoria se preocupa com a cronologia, dividindo as fórmulas de acordo com três elementos temporais – referentes, grosso modo, a presente – passado e futuro – combinados de diferentes maneiras, onde pós-pretérito – PA (*amaría*) – se distingue de ante-futuro – AP (*habré amado*) – ainda que apresentem os mesmos elementos, isto é, anterioridade – A, e posterioridade – P, organizados em sequência.

Segundo Rojo e Veiga (1999, p. 2880), o raciocínio de Bello é temporal porque mede o tempo entre uma ação e outra, quando trata, por exemplo, “hube amado” – AA – ante-pretérito – como uma ação menos passada do que como “había amado” – ACA – ante-co-pretérito. O caraquenho se orienta de acordo com o eixo cronológico, quando trata, por exemplo, “hube amado” – AA – ante-pretérito – como uma ação “imediatamente anterior” a outra expressa em pretérito, diferentemente de uma ação como “había amado” – ACA – ante-co-pretérito – cujo intervalo entre as duas ações passadas é estabelecido como “indefinido”, ou remoto.

Amado Alonso (1951, p. LVIII) não aceita a explicação de Bello sobre a correlação estrita das formas simples com as compostas, por isso critica o ponto da anterioridade dizendo: “Bello buscó lo de ante-co-pretérito, no llevado por el análisis descriptivo, sino por su deseo de sistema y simetria, para dar una sola explicación a los tiempos compuestos con haber”.

Yllera (1981, p. 506) também comparte esta opinião, porque para ela: “Bello buscaba [...] presentar un sistema armónico de los tiempos verbales castellanos, convencido de que dicha armonía existe en la lengua – como en el pensamiento – y de que su descubrimiento es prueba del acierto de la explicación.”

Alonso (1951, p. LVXXII) acusa de ingênua a visão de Bello e declara que “las significaciones son formas del pensamiento interesado que se han generado y plasmado de modo específico en cada idioma, y no espejaciones de una realidad por si organizada e igual para todos los hombres.”

Embora citemos essas críticas, devemos reforçar que a teoria de Bello se orienta principalmente de acordo com as coordenadas egocêntricas, pois considera o ato de fala como ponto de partida. Ainda que reconheçamos uma intenção universalista e racionalista em AIT que crê que o sistema estabelecido para o espanhol serve, com algumas modificações, para as outras línguas, esclarecemos que o ponto de vista do enunciador predomina nesta teoria sobre os elementos universais ou fixos das coordenadas geográficas.

Rojo e Veiga: teoria temporal do século XX

Guillermo Rojo e Alexandre Veiga, professores de linguística de universidades da Galícia, na Espanha, concebem uma teoria vetorial para a explicação do tempo verbal em castelhano. Sua conceituação sobre o tempo se dá tendo o discurso como ponto de partida, já que dizem:

El tiempo es una categoría déictica que se orienta de acuerdo a un **punto de origen**, o a otra referencia secundaria, que a su vez se orienta también con respecto al origen.

Déictica significa que se establece un sistema de referencia interna, cuya significación habitual se identifica con **el momento de la enunciación**.

Cuando se dice que se construye un sistema vectorial, se debe comprender que ese sistema no determina el acontecimiento en la **línea del tiempo** de manera precisa, sino de manera débil, una orientación con respecto al origen (ROJO; VEIGA, 1999, p. 2879).

Rojo e Veiga criam uma interessante teoria que, além de apresentar os dados curiosos como o da placa de trânsito, baseia-se nas coordenadas egocêntricas porque colocam o enunciador como centro do discurso, já que o momento da enunciação é um dos pontos de referência tomados, em alguns casos, como o ponto de origem – marco

zero. Sobre o comentário anterior, destacamos “ponto de origem” e “momento da enunciação”. Além destes termos, negritamos também “linha do tempo”, para comprovar como certas teorias temporais empregam a expressão “linha”, sem se darem conta do conteúdo espacial desta palavra.

Estabelecido o ponto de origem, é criado um sistema de vetores que dispõe as nove formas verbais do indicativo – deste sistema “hube amado” está excluído, por ser considerada uma forma em desuso em espanhol. Esta teoria parte da coexistência como 0V – vetor zero –, anterioridade como -V, ou posterioridade como +V. A partir destas três células, são definidas as nove formas verbais do indicativo conforme se vê em:

0-V - canté	0oV- canto	0+V – cantaré
(0-V)-V – había cantado	(0oV)oV – cantaba	(0+V)+ V – cantaría
(0oV)-V – he cantado		
(0+V)- V – habré cantado		
(0-V)+ V – habría cantado		

(ROJO; VEIGA 1999, p. 2884)

Essa teoria analisa exclusiva e principalmente o discurso indireto de enunciados como: “Eduardo dice que viajará a París”. O discurso direto – “Eduardo dice: Viajaré a París” – é assunto de estudos como o de Benveniste e Weinrich, escritos na década de sessenta do século XX, sobre o verbo em francês.

Estão excluídos do artigo de Rojo e Veiga exemplos que não obedecem a *consecutio temporum* latina, que estabelece que uma oração principal em presente de indicativo deve ser seguida de uma subordinada em futuro do presente. Isto é, ao presente se segue o futuro do presente; e ao passado se segue o futuro do pretérito, motivo pelo qual se examina também, nesta teoria “Eduardo dijo que viajaría a París”. Fica excluído, portanto, uma construção como “Eduardo dice que viajaría a París”. pelo fato de que a principal em presente é seguida pela subordinada conjugada em futuro do pretérito – como se chama em português -, ou pelo condicional – nome espanhol.

A oração principal em presente – “dice” – é seguida por uma subordinada em futuro – “llegará” –, sendo que a *consecutio temporum* estabelece que o condicional espanhol – equivalente ao futuro do pretérito em português – é passível de seguir uma subordinante em passado, segundo a correlação das formas verbais. A sequência de uma principal em presente ser seguida de um subordinada em condicional é interpretada com matizes modais que não condizem com a frase declarativa, razão que a exclui do repertório analisado pelos professores galegos, autores deste estudo.

Apesar de este estudo excluir frases como esta, na parte final este assunto é tratado da seguinte maneira:

Comprender correctamente la cronología relativa y la correlación temporal exige tener en cuenta que las mismas relaciones temporales entre los acontecimientos pueden ser enfocadas de modos diversos y, en consecuencia, expresadas de distintas maneras. De una parte, la orientación con respecto a la forma verbal de la cláusula dominante no es la única posibilidad existente. Lo que se presenta habitualmente en las gramáticas como ruptura de la correlación temporal es el resultado de la prioridad concedida en ciertos casos a la orientación con respecto al origen, que no es contradictoria con la otra. Para poner de relieve la incorrección de las reglas tradicionales de la consecutio temporum y mostrar que a un verbo principal en pasado puede seguir una subordinada en cualquier forma, Gili Gay presenta el ejemplo: El observatorio anunció que se acerca de las costas litoráneas un huracán de dirección NE a SO. (ROJO; VEIGA 1999, p. 2887).

Também aparece como curiosidade final exemplos como: “Querido amigo: te escribo esta carta en un momento en que me encuentro absolutamente deprimido”.

Nesse exemplo de carta, o momento em que o emissor escreve – o presente da escrita – não coincide com o momento da recepção da carta pelo destinatário. Na hora da recepção, o leitor pode considerar que o que é presente para o emissor, é passado para o receptor, visto que os tempos não coincidem devido à pluralidade de vozes, característica da comunicação.

E por que Rojo e Veiga citam esse e outros casos como o da placa de trânsito de Berlim? Porque sua teoria se aplica à produção em discurso indireto e tem a dêixis como base. O sujeito da enunciação é o eixo sobre o qual se analisa o discurso, por isso o tempo se mede pelo relógio do indivíduo que fala. Na linguística hispânica, as teorias temporais que conhecemos não consideram a recepção. O tempo da recepção faz multiplicar o presente da mensagem. Os estudos mencionados aqui focalizam a produção discursiva centrada no que se diz, e não na interlocução, nem no que se ouve, responsável pela compreensão da placa de trânsito. Nas placas, a atenção se dirige ao momento da comunicação, não somente ao momento da enunciação, já que há mais de um enunciador nos discursos em uma interação social.

Em oposição, nas cartas não há coincidência entre o tempo de emissor e o tempo do receptor, quando se lê: “Querido amigo: te escribo esta carta en un momento en que me encuentro absolutamente deprimido”. A atenção do analista recai sobre o emissor e o momento da enunciação, sem levar em conta o tempo que demora para uma carta chegar às mãos de seu leitor.

Estes são casos considerados marginais à criação teórica de Rojo e Veiga que dizem reconhecer a necessidade de estabelecer o tempo no caso da comunicação:

Este tipo especial de situación comunicativa y sus posibles consecuencias en forma de orientación temporal desde la única perspectiva del receptor del mensaje muestran que no siempre se puede identificar el centro de referencias temporales exclusivamente

con el ‘momento de la enunciación’, pues que tal identificación no podría dar cuenta de todos los casos posibles, los dos últimos ejemplos presentados (carta en latín y cartel de carretera) parecen admitir, eso sí, la localización del punto de origen en el ‘momento de comunicación’ si estamos que esta se establece cuando el mensaje es recibido y descodificado, pero esta, en cambio, no parece ser la situación de nuestro modelo epistolar, en que el emisor orienta respecto de su propio momento de producción lingüística los enfoques temporales de los procesos verbalmente expresados sin preocuparse por el momento en que la comunicación se haga efectiva. (ROJO; VEIGA 1999, p. 2891).

Estes autores criam uma interessante teoria discursiva em cujo apêndice se encontram estes casos deslocados. Desta forma, advertem sobre a insuficiência do tratamento discursivo centrado no enunciador, e assinalam a necessidade da elaboração de uma teoria pragmática que considere a comunicação com seus múltiplos interlocutores e nos gêneros diversos.

Considerações finais

Examinamos, primeiramente, alguns estudos sobre o espaço com o intuito de compreender a razão de algumas mensagens de trânsito que empregam termos da esfera temporal quando o objetivo é transmitir um significado espacial. A pesquisa de Linde e Labov (1975) nos ajuda a compreender que a maioria das descrições espaciais se dão de acordo com o “tour”, ou trajeto, e não da forma estática de quem descreve como um “map”, ou mapa. E desta forma, a placa de trânsito “You are now leaving West Berlin”, nos mostra que a palavra *now* reatualiza o presente, delimitando o espaço para cada um dos motoristas que passam pela estrada. Rojo e Veiga nos oferecem este e outros dados e alertam sobre a necessidade de considerar questões comunicativas e pragmáticas não contempladas nas teorias temporais estudadas.

Por meio das coordenadas geográficas e coordenadas egocêntricas, estabelecidas por Deutscher, analisamos duas teorias verbais: a de Bello, do século XIX e a de Rojo e Veiga, do século XX. As duas se orientam de acordo com as coordenadas egocêntricas, porque se guiam pelo momento da enunciação.

Este estudo revisita Bello porque, primeiramente, supúnhamos que sua teoria temporal, baseada na tendência filosófica com pretensão universalista, tenderia a classificar esta teoria de acordo com as coordenadas geográficas, de orientação fixa. No entanto, a determinação de tomar os três parâmetros temporais de anterioridade, concomitância e posterioridade com relação ao ato da palavra faz do sujeito que fala o ponto de partida metodológico. Reformulamos, portanto, nossa opinião de que o sujeito enunciador é o parâmetro que nos faz reconhecer as coordenadas egocêntricas como padrão deste estudo de semântica temporal do século XIX.

A teoria temporal do século XX, no entanto, alerta para o fato de que a orientação por meio do ‘momento de enunciação’ se mostra insuficiente quando numa situação comunicativa – como no caso da placa de trânsito, ou de uma carta – não são considerados o momento de recepção, nem os múltiplos interlocutores.

Rojo e Veiga criam uma teoria sobre o discurso indireto em que reconhecem a necessidade de um avanço metodológico, para que se estudem certas expressões excluídas de seu repertório, em uma abordagem pragmática que leve em conta a recepção e os diferentes participantes de uma comunicação.

Embora Rojo e Veiga indiquem uma evolução em termos teóricos, seu trabalho não aborda certos dados marginais, não contemplados pelo tratamento elaborado até os dias de hoje. Esses autores advertem que a comunicação parece não ter sido devidamente contemplada com vistas a consolidar uma teoria. Eles recomendam, portanto, que esta carência teórica seja suprida com o tempo nos estudos linguísticos sobre o espanhol.

Referências

- ALONSO, Amado. Introducción a los estudios gramaticales de Andrés Bello. In: BELLO, Andrés. *Obras completas*. v. IV. Caracas: Ministerio de Educación y Cultura, 1951, p. IX – LXXXVI.
- BARROS, Luizete Guimarães. *Tradição e inovação na teoria verbal da gramática de Andrés Bello*. Tese de Doutorado. FL/UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.
- BELLO, Andrés. *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos*. Madrid: Arco / Libros, 2 vol., 1988.
- BELLO, Andrés. Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana. In: BELLO, Andrés. *Obra literaria*. Caracas: Ayacucho, 1979, p. 415-439.
- BENVENISTE, Emile. O sistema do verbo em francês. In: *Problemas de lingüística geral*. Tradução de Maria da Glória Novak. São Paulo: EDUSP, 1995.
- CALERO VAQUERA, María Luisa. *Historia de la gramática española (1847-1920)*: de A. Bello a R. Lenz. Madrid: Gredos, 1986.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DEUTSCHER, Guy. Na ponta da língua: o idioma dá forma ao pensamento? Tradução de Paulo Migliaci. *Folha de São Paulo*, Ilustrada. 9/1/2011, p. 3-5.
- LINDE, Charlotte; LABOV, William. Special Networks as a Site for the Study of Language and Thought. *Language*, t. 51, p. 924-939, 1975.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. 20. ed. Espasa-Calpe: Madrid, 1975.
- ROJO, Guillermo; VEIGA, Alexandre. El tiempo verbal. Los tiempos verbales. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*, v. 2, 1999, p. 2868-2934.

YLLERA, Alicia. El verbo en Andrés Bello: originalidad y tradición. In: *Bello y Chile: tercer congreso del bicentenario*. Tomo I. Caracas: Fundación La Casa de Bello, 1981, p. 477-514.

WEINRICH, Hans. *Estructura y función de los tiempos del lenguaje*. Traducción Federico Latorre. Madrid: Gredos, 1968.

